

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Liana Garcia Ferreira Rocha

Estratégias de ensino-
aprendizagem do Kung Fu para
pessoas com deficiência visual

Campinas
2005



Liana Garcia Ferreira Rocha

Estratégias de ensino- aprendizagem do Kung Fu para pessoas com deficiência visual

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)
apresentado à Faculdade de Educação Física
da Universidade Estadual de Campinas para
obtenção do título de Licenciada em Educação
Física.

Orientador: Prof. Dr. José Julio Gavião de Almeida

Campinas
2005

UNIDADE FEF/ 1125
C. H. NADA:
Tcc/Unicamp
R528e
V. 5
NÚMERO BO/ 2086
PRO:
C. ☐ D. ☒
PREÇO 12,00
DATA 22/12/05
N.º CPD 375190

0006 00611

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

R528e Rocha, Liana Garcia Ferreira.
Estratégias de ensino-aprendizagem do kung-fu para pessoas com deficiência visual / Liana Garcia Ferreira Rocha. - Campinas, SP: [s.n], 2005.

Orientador: José Júlio Gavião de Almeida.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Deficientes visuais. 2. Kung-fu. 3. Estratégias de aprendizagem. I. Almeida, José Júlio Gavião de. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Liana Garcia Ferreira Rocha

Estratégias de ensino-aprendizagem do Kung Fu para pessoas com deficiência visual

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física defendido por Liana Garcia Ferreira Rocha e aprovado pela Comissão julgadora em: 22/11/2005.

Campinas
2005

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos os professores que com responsabilidade, dedicação e ética contribuem na formação de pessoas mais felizes, completas capazes de encontrar no convívio com as outras pessoas e com a natureza a inspiração e o prazer de viver.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a minha família por me incentivar, apoiar e compartilhar pacientemente dos momentos de alegria, realização, superação, dúvidas, impaciência e tantos outros que fizeram parte da minha vida acadêmica. Amo muito vocês;

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida, nosso querido Gavião, por me inspirar com sua maneira única e maravilhosa de viver;

Agradeço ao grupo de estudos e pesquisa em atividade motora adaptada, mais conhecido como GEPEAMA – DV, por me guiar pelo caminho da pesquisa e me proporcionar experiências, encontros, realizações, momentos de muita alegria, descobertas e o convívio e a amizade com pessoas incríveis;

Agradeço especialmente ao Ciro, a Carol, Mari, Jana, Vêi, Batavo, Artur, Regininha, Nat, Neno, Dadá, Má, cada um com seu jeito todo especial de ser e viver, que ensinaram o valor inestimável da amizade;

Agradeço as pessoas que compartilharam da minha trajetória na FEF:

 Professores competentes, que com ética e responsabilidade mostraram o zelo e a dedicação com a qual devemos tratar a profissão;

 Meus amigos e amigas, que compartilharam e compartilham dos muitos momentos felizes sem os quais a vida não vale a pena;

 Funcionários e todos aqueles responsáveis por tornarem a FEF e a UNICAMP, um local agradável e repleto de oportunidades;

Agradeço aos meus amigos e amigas da academia Shaolin de Kung Fu, que me incentivaram a treinar com determinação e proporcionaram momentos de descontração e muitas risadas. Agradeço também pela paciência e disponibilidade em ajudar, principalmente na realização das fotos que aparecem neste trabalho.

Liana Garcia Ferreira. Estratégias de ensino-aprendizagem do Kung Fu para pessoas com deficiência visual. 2005.50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

RESUMO

As pessoas com deficiência visual podem apresentar defasagens no desenvolvimento psicomotor, social e afetivo, comumente em função da falta de oportunidades gerada pela falta de informações sobre a deficiência e, conseqüentemente, gera-se um preconceito que encobre os olhares para as potencialidades dos indivíduos. A prática do Kung Fu traz inúmeros benefícios bio-psico-sociais, tais como melhorias do condicionamento físico, autoconfiança, auto-estima e cooperação, além de contribuir para o desenvolvimento da percepção espacial e consciência corporal, que são muito importantes de serem trabalhados num programa de educação física, especialmente para as pessoas com deficiência visual. Pela contribuição que a prática do Kung Fu pode trazer para o desenvolvimento e a formação de pessoas com deficiência visual e pela ausência de estudos sobre este tema consideramos de extrema relevância as pesquisas neste campo de estudo. O objetivo deste trabalho foi estudar as questões referentes aos processos de ensino do Kung Fu para pessoas com deficiência visual e identificar as diferenças no processo de ensino-aprendizagem. Para tanto realizamos pesquisa cujo foco metodológico foi extensa revisão de literatura sobre os temas deficiência visual, Kung Fu e estratégias de ensino. Como resultado, constatamos: 1. As potencialidades possíveis de serem exploradas pelos deficientes visuais; 2. quais os conteúdos que compõem a base para o desenvolvimento do Kung Fu; 3. Os modelos e indicativos para utilização de estratégias de ensino-aprendizagem de atividades motoras para as pessoas com deficiência visual. Concluímos, portanto, que o ensino do Kung Fu para as pessoas com deficiência visual não difere do praticado pelas pessoas sem deficiência visual, no que se refere aos equipamentos e nas técnicas. Desta forma, com o devido tratamento pedagógico, adequação dos mecanismos de informação, adaptações relativas ao espaço físico e recursos materiais adequados, as pessoas com deficiência visual podem e devem ter acesso e oportunidades para desenvolverem suas potencialidades praticando esta arte milenar chinesa, visto ainda o desenvolvimento do Kung Fu enquanto conteúdo da cultura corporal.

Palavras-chaves: Deficiência Visual – Kung Fu – Estratégias de Ensino

ROCHA, Liana Garcia Ferreira. Teaching-learning strategies of Kung Fu for people with visual impairment. 2005. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ABSTRACT

The people with visual impairment can present psychomotor, social development and affective losses, usually because of the lack of opportunities generated by the lack of information about the disability and, consequently, prejudice is generated which hides potentialities of the individuals. The Kung Fu practice brings several bio psycho-social benefits, such as improvement of the physical performance, self-assurance, self-esteem and cooperation, besides contributing for the development of the space perception and corporal conscience, that are very important to be developed in a physical education program, especially for people with visual impairment. For the contribution that the Kung Fu practice can bring for the development and the formation of people with visual impairment and for the absence of studies on this subject we consider of extreme relevance the research in this field of study. The objective of this research was to study the referring questions to the Kung Fu processes of education for people with visual impairment and to identify the differences in the teaching-learning process. In order to do this we used as methodological instrument literature review on the subjects: visual impairment, Kung Fu and teaching. In our results we could evidence: 1. The possible potentialities to be explored by the individuals with visual impairment; 2. Which contents compose the basis for the Kung Fu development; 3. The patterns for the use of teaching-learning strategies of motor activities for the people with visual impairment. We conclude, therefore, that the Kung Fu teaching for the people with visual impairment does not differ from the practiced one by the people without visual disability, in relation to the equipment and the techniques. Thus with proper pedagogical development, adequacy of the information mechanisms, adaptations on the physical space and adequated material resources, the people with visual impairment can and must have access and chances to develop their potentialities practicing this Chinese millenarian art, considering the Kung Fu development as content of the corporal culture.

Keywords: Visual impairment, kung fu, teaching strategies

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Postura cavalo (mabu)	31
Figura 2: Postura arqueiro (gumbu)	31
Figura 3: Postura gato (shibu)	31
Figura 4: Soco jab	34
Figura 5: Soco direto	34
Figura 6: Soco cruzado	35
Figura 7: Soco upper	35
Figura 8: Sequência de socos	36
Figura 9: Chute lateral no estômago	36
Figura 10: Chute peito do pé no rosto	36

Índice

1. Introdução	10
2. Sobre Deficiência Visual, Kung Fu e Estratégias de Ensino.....	12
3. Sobre a Deficiência Visual e as pessoas com deficiência visual	17
4. Kung Fu – Wushu	24
4.1 O estilo Shaolin do Norte	30
4.2 Conteúdos técnicos do estilo Shaolin do Norte ensinados na Academia Shaolin de Kung Fu Wushu de Valinhos.....	30
5. Estratégias de ensino para pessoas com deficiência visual	39
5.1 Orientações gerais	41
5.2 Mecanismos de informação	42
5.3 Reconhecimento do ambiente	43
5.4 Adaptação dos materiais	43
5.5 Sugestão de estratégias	44
6. Conclusão	46
7. Referências Bibliográficas	48

1. Introdução

A motivação para elaborar esta monografia surgiu das experiências adquiridas ao longo de minha vida de atleta de kung fu e dos conhecimentos, encontros, vivências que a faculdade e, principalmente, o grupo de estudos em deficiência visual me proporcionaram.

Como praticante de Kung Fu há nove anos, participei de várias competições e apresentações, viajei por muitas cidades, estados, tive contato com muitas pessoas, mas nunca encontrei ou ouvi falar de algum deficiente visual que fosse um kungfuista, ou seja, praticante desta magnífica arte chinesa.

Desde o terceiro ano do meu curso de graduação na Faculdade de Educação Física da Unicamp tenho o prazer de participar do Grupo de Estudos de Atividade Motora Adaptada (GEPEAMA- DV) que estuda questões relacionadas à deficiência visual. A participação neste grupo proporcionou-me uma rica experiência e conhecimentos acerca da deficiência em questão, contato e convivência com pessoas cegas ou com baixa visão, sensibilizando-me para a falta de oportunidades e preconceito que sofrem essas pessoas estigmatizadas como incapazes, diferentes.

A experiência gratificante na área de adaptada, especificamente, com deficiência visual e a paixão pelo Kung Fu despertaram meu interesse por unir os dois temas e, diante da não existência de uma metodologia de ensino desta arte marcial para pessoas com deficiência visual, estudar questões referentes aos processos de ensino para tal população, assim como propiciar aos profissionais de educação física que trabalham com artes marciais, embasamento teórico que os incite e possibilite a refletir sobre a possibilidade de estender o kung fu para pessoas com essas características.

Temos experimentado o crescimento e a valorização desta modalidade em vários níveis e categorias. Nos últimos anos aumentou significativamente a procura por essa arte marcial por pessoas de várias idades, almejando em sua prática diferentes objetivos que vão da prática pedagógica ao treinamento de alto rendimento. Por que não viabilizar esta prática para pessoas com deficiência visual, visto o envolvimento cada vez mais intenso e potencializado dos mesmos junto às atividades oferecidas pela e para a sociedade a qual fazem parte. E visto o enriquecimento que o envolvimento e a participação em programas de kung fu, enquanto prática corporal dotada de um sistema filosófico e moral, pode trazer para as pessoas cegas ou com baixa visão.

Para a escolha da metodologia que direcionou a elaboração deste trabalho estudamos livros de metodologia científica dos autores Thomas e Nelson (2002), Lakatos e Marconi (1991) e Gil (2002). Como não conhecíamos nenhuma publicação ou projeto que relacionasse os três temas chaves do nosso trabalho optamos como recurso metodológico pela revisão de literatura. Os autores citados acima identificam a pesquisa bibliográfica como um dos meios mais eficientes de avaliação crítica de tudo que foi escrito, filmado ou dito sobre determinado assunto, possibilitando através da análise, avaliação e integração do material pesquisado, o exame e a compreensão de um ou mais temas sob novo enfoque ou abordagem, culminando em conclusões inovadoras. A revisão de literatura sobre os assuntos Deficiência Visual, Kung Fu e Estratégias de Ensino, proporcionou-nos informações e conhecimentos que permitiram a elaboração de discussões sobre questões relevantes de cada tema e tecer relações entre eles.

Utilizamos como fonte de informação recursos como livros, artigos de revistas científicas, teses, monografias, sítios na internet e apostilas utilizadas na academia de kung fu que frequento, que estão devidamente citados ao final do trabalho, no item referências bibliográficas.

O objetivo geral do nosso trabalho é o de prover informações que possibilitem ao professor de kung fu refletir sobre as possibilidades de desenvolver um processo inclusivo de ensino do Kung fu para pessoas com deficiência visual.

Acreditamos que a discussão elaborada ao longo dos capítulos que compõem esta monografia possa vir a contribuir para a formação e o enriquecimento profissional e pessoal das pessoas que pretendem trabalhar com indivíduos com deficiência visual e com o kung fu. Acreditamos também que o presente trabalho possa vir a contribuir para literatura em português acerca do assunto.

Nosso projeto está estruturado de maneira que o primeiro capítulo inicia a discussão sobre a relação dos temas Deficiência Visual, Kung Fu e Estratégias de Ensino com a Educação física. O segundo capítulo aborda as questões sobre a deficiência visual e as pessoas com essa característica. Logo em seguida vem o capítulo de introdução ao kung fu, seguido pelo capítulo que discute as estratégias de ensino para pessoas com deficiência visual. Por fim, a conclusão e a bibliografia consultada.

2. Sobre a Deficiência visual, Kung Fu e Estratégias de ensino-aprendizagem

O presente trabalho é norteado por três palavras, que não são meras combinações de letras, mas carregam consigo conceitos, significados e uma gama de expectativas, impressões e conhecimentos formados ao longo de experiências e estudos, frutos não apenas de um trabalho realizado individualmente, mas elaborado por gerações, coletivamente ao longo da história da humanidade. O que significam e qual a relação entre elas e o universo da educação física que é nossa área de atuação e de pesquisa? O que estes três temas, deficiência visual, kung fu e estratégias de ensino, nos dizem e o que eles passarão a nos dizer ao final deste trabalho?

Discutiremos estas e outras questões ao longo dos demais capítulos, porém, acreditamos ser necessário estabelecer algumas relações entre eles e justificar o porquê desta combinação neste primeiro capítulo.

Talvez seja importante iniciarmos com a indagação: o que estes termos têm haver com a educação física?

A educação física enquanto área de estudo científico engloba todas as questões referentes à pessoa enquanto ser histórico-social e biológico, que se comunica com o mundo e com as demais pessoas através do movimento dotado de significados e significações. Dentre os conteúdos abordados pela grande área da educação física está o estudo do desenvolvimento humano, das características e peculiaridades de cada indivíduo, das manifestações corporais que compõem o conceito de cultura corporal e os assuntos relacionados ao processo de ensino-aprendizagem.

Podemos compreender a cultura corporal como o conjunto das práticas corporais que têm significados num determinado grupo social e que tem a expressão corporal como uma das formas de linguagem. A dança, o jogo, o esporte, a ginástica e a luta, como práticas corporais, se expressam diretamente pelo corpo e no corpo. (Pucinati, 2004)

O Kung fu é também uma prática corporal e, portanto, está no universo da educação física. Porém, o kung fu, não pode ser entendido apenas como um tipo de luta, pois ele engloba conhecimentos, valores e princípios que transcendem a prática combativa. Sendo assim, o kung fu pode e deve ser compreendido como uma arte marcial. Mas, o que é arte marcial?

Pucineli (2004), ressalta que arte marcial é um conceito ocidental dado a um fenômeno de origem no oriente e para tentar compreender o significado da expressão pelos orientais ele o busca na palavra japonesa budô. O ideograma bu é composto por “segurar”, “aparar”, “neutralizar” e “machado”, “arma”, neste caso, simbolizando, violência e agressividade. Dô corresponde a “caminho”, “processo”. Portanto, budô significa “processo para neutralizar a agressão”.

Na China, utiliza-se a palavra Wushu para designar a soma dos diversos conhecimentos relativos a artes marciais. Os ideogramas que compõem a expressão Wushu estão representados logo abaixo.

武 O ideograma “Wu” é composto por dois ideogramas:

止 um que simboliza “parar”, “deter”

戈 e outro que simboliza um machado, que é aquele que corta, agride, deixa marcas suficientes para destruir, derrubar.

Unindo as duas idéias temos que “wu” significa, em sua raiz, “parar a violência”. (Lima, 2000) Sendo Wushu, a “arte de parar a violência”.

Pensando na expressão arte marcial, podemos sugerir algumas significações baseadas na etimologia da palavra marcial. “Marcial” é derivado de Marte, o deus da guerra na mitologia romana. A guerra citada compreende todos os tipos de conflitos, inclusive os conflitos interiores, aqueles que a pessoa trava consigo mesma. Lima (2000, p.114), nos ajuda a compreender o significado de arte marcial:

“Para um artista marcial (Marte: deus da guerra), o grande desafio está em vencer a “guerra interior”- aquela que é travada entre a pessoa e seus próprios desequilíbrios e desarmonias, que a levam a uma violência interna (manifestada em forma de doenças psicossomáticas e de vícios) e que acabam por levá-la a projetar esta violência contra outras pessoas ou objetos (variando da apatia aos mais elevados níveis de criminalidade).”

Os significados encontrados deixam claro a relação das artes marciais com a violência. Ao contrário do imaginário popular que as liga a agressividade e ao incentivo a violência, o objetivo das artes marciais é cessar a violência de uma pessoa contra a outra ou contra ela mesma. (Lima 2000)

A busca pelo equilíbrio interno é uma constante na vida de todas as pessoas, principalmente, no contexto social em que vivemos, no qual se destacam o individualismo, o preconceito, o descaso e a criminalidade.

Acreditamos que a prática do kung fu possa contribuir na busca por um equilíbrio bio-psico-social que leve ao desenvolvimento de pessoas conscientes de seu papel na teia social e ambiental da qual fazem parte ativamente. Conhecedores de si mesmos e das relações de interdependência entre os indivíduos e a natureza lutem para o resgate de valores há tempos esquecidos como o respeito, a solidariedade, a humildade, a dignidade e tantos outros.

A educação física tem como principal objeto de estudo o movimento humano, o principal veículo de descoberta e interação com o mundo e com os outros seres. Propiciar estímulos e possibilidades que enriqueçam esse relacionamento contribuindo significativamente para o desenvolvimento pleno das pessoas é também papel da educação física. Por esse e outros fatores, esta não deve ser restrita a uma parcela da população. Todos, crianças, jovens, idosos, de qualquer raça, religião ou cultura, deficientes ou não devem ter direito e a possibilidade de se envolverem em programas de atividade física bem estruturados e adequados que contemplem aspectos como o lazer, a educação ou mesmo alto rendimento.

Ao traçarmos um paralelo entre a educação física e as pessoas com deficiência encontramos uma situação bem diferente em tempo e amplitude de intervenção se compararmos com as pessoas sem alguma deficiência aparente. Segundo Gorgatti e Gorgatti (2005), o esporte para pessoas com algum tipo de deficiência iniciou-se como uma tentativa de colaborar no processo terapêutico dos mesmos. Porém, pelo fascínio que o esporte exerce sobre as pessoas e o bem estar pessoal e social que ele proporciona, ganhou muitos adeptos e as oportunidades expandiram-se.

O esporte adaptado¹ traz consigo o alto rendimento, a preocupação com a performance e a preparação técnica e tática visando a participação e o bom desempenho em competições, seja elas em âmbito nacional ou internacional. Sem dúvida este novo cenário

¹ De acordo com Winnick (2004), esporte adaptado designa o esporte modificado ou criado para suprir as necessidades especiais das pessoas com deficiência. Pode ser praticado em ambientes integrados ou em ambientes segregados.

contribuí significativamente para a mudança da maneira como as pessoas olham para a deficiência, as potencialidades começam a ser ressaltadas e com isso a maneira de tratar as pessoas com deficiência muda. Conseqüentemente, a atenção e o interesse pelos assuntos afins contribuíram para os avanços científicos e tecnológicos da área.

Apesar das contribuições e dos avanços obtidos, não podemos nos esquecer que o esporte de alto rendimento não atende a todas as pessoas e nem encerra as possibilidades de envolvimento com atividade física. Gorgatti e Gorgatti (2005), apontam que as dimensões sociais do esporte podem abranger tanto a educação e o lazer como o rendimento, sob os referenciais de formação, participação e desempenho. Devemos ressaltar que não apenas o esporte apresenta essas características, mas todas as práticas corporais.

“Há um universo de possibilidades definidas pelas necessidades, desejos e potencialidades do praticante.” (Pedrinelli e Verenguer, 2005, p. 17) Todos tem direito de escolher qual atividade física, que tipo de prática corporal melhor atende seus interesses, suas expectativas e objetivos. E para poder escolher faz-se imprescindível existir possibilidades reais de escolha.

Muitas pessoas com deficiência não tem chance de participar de programas de educação física, não por lhes faltarem condições físico-cognitivas, mas devido a barreiras impostas pela estrutura social. Depauw e Gravon (1995), identificam como algumas destas barreiras a falta de: programas organizados, acesso a professores qualificados, experiências esportivas informais anteriores, acessibilidade a facilidades esportivas, falta de modelos e a fatores psicológicos, sociais e econômicos. Gorgatti e Gorgatti (2005) identificam ainda como grande empecilho para disseminação do esporte adaptado a falta de transporte e de instalações adaptadas para receber pessoas com deficiência.

Existem programas de atividade física para pessoas com deficiência visual, mas em sua maioria eles são oferecidos apenas por associações, instituições que atendem especificamente pessoas que têm essa característica. É difícil encontrar academias, centros esportivos, clubes que possibilitem a prática de atividades corporais diversas em um ambiente inclusivo.

Um dos objetivos do presente trabalho é apontar a necessidade e oferecer subsídios para a reflexão de professores de educação física e profissionais que trabalham com artes

marciais em especial, o Kung Fu, sobre a importância e a possibilidade de receberem entre seus alunos sem aparente necessidade especial, pessoas com deficiência visual.

Para incluir indivíduos que não tem a visão como principal meio de captação de informações, será necessário que o professor ressignifique sua prática pedagógica e a concepção de diversidade. (Pedrinelli e Verenguer, 2005, p.19) Estratégias de ensino adequadas tornam o processo de aprendizagem mais eficiente e significativo, proporcionando a realização dos objetivos preestabelecidos.

Conhecer profundamente a modalidade a ser ensinada, as características dos alunos, ter claro os objetivos que se almeja alcançar e estar ciente da influência que o professor exerce na formação de seu aluno são requisitos fundamentais para a atuação do profissional de educação física.

“O esporte [assim como todo conteúdo da cultura corporal] para pessoas com deficiência visual, como um dos conteúdos da educação física, deve estar alicerçado, em uma proposta pedagógica que considere além dos aspectos técnicos relativos a modalidade envolvida, a importância de intervir junto ao educando quanto a aspectos relativos a valores e modos de comportamento.” (Munster e Almeida, 2005, p. 73)

Os benefícios que a prática bem planejada e estruturada de atividades físicas pode proporcionar as pessoas com deficiência visual, são inegáveis. Podemos destacar algumas, como a melhora da percepção e orientação espacial, visível melhora na auto-estima, evolução no auto-conceito, melhor aceitação da condição de deficiência, melhor interação com as pessoas ao redor, ganho de auto-confiança e independência. (Gorgatti e Gorgatti, 2005, p.514)

Se possibilitarmos o envolvimento das pessoas com a prática corporal que não se restringe a gestos meramente imitativos, desprovidos de significado, como é o caso do Kung Fu, os benefícios a serem conquistados serão ainda maiores.

Para finalizar este primeiro capítulo e dar início aos próximos utilizaremos a afirmação de Pedrinelli e Verenguer (2005, p.18) que vai ao encontro do que acreditamos ser papel da nossa área de estudos e atuação:

“A intervenção em educação física pressupõe a aplicação de conhecimentos científicos, pedagógicos e técnicos sobre a atividade física com responsabilidade ética.”

2. Sobre a deficiência visual e as pessoas com deficiência visual

Ao longo da história a concepção e o conseqüente tratamento dado às pessoas com deficiência visual passou por inúmeras modificações. A deficiência era encarada como algo pejorativo que causava sentimento de constrangimento e desconforto por parte de familiares que escondiam, ou mesmo condenavam a morte os parentes ditos imperfeitos. As pessoas com algum tipo de deficiência eram aprisionadas em suas próprias casas, isoladas de qualquer contato social e desprovidas de educação adequada. Com o passar dos anos desenvolveu-se novo paradigma sobre a deficiência pautada no modelo médico, o qual preconizava que a deficiência era um problema do indivíduo que considerado incapaz de contribuir com o meio social deveria tratar-se para sobre-viver no mesmo. Era, portanto, de responsabilidade da própria pessoa submeter-se a programas de reabilitação para adaptar-se a sociedade. Aos poucos, as pessoas com necessidades especiais foram integradas nos sistemas sociais, podendo utilizar alguns espaços em comum com as pessoas ditas normais. Com a mudança gradativa do modelo médico para um modelo social da deficiência, o foco desvia-se da deficiência para a pessoa, que passa a ser vista como um cidadão, cujos direitos e deveres devem ser assegurados por todas as instâncias da sociedade. Inicia-se assim o processo de inclusão, que embora esteja apenas no começo, tem contribuído significativamente para desmistificar as deficiências, inclusive a visual, ressaltando as potencialidades ao invés das limitações da população considerada.

Com a inclusão surge um novo modo de compreender alguns conceitos como o da normalidade e o da diferença. Perguntas como: o que é ser normal? Somos todos iguais? E ser diferente é ruim? Passam a nortear o pensamento de inúmeros pesquisadores e profissionais envolvidos com as diversas deficiências. A diferença começa a ser valorizada como fator enriquecedor das práticas educativas e as pessoas com necessidades especiais têm a possibilidade de serem tratadas não mais a partir de rótulos ou pré-conceitos, e sim consideradas como pessoas que têm como uma de suas características a deficiência.

Acreditamos ser importante conhecer os modelos precursores que condicionaram o entendimento e o tratamento da deficiência ao longo da história para podermos compreender a situação atual das pessoas com deficiência visual e o porquê do preconceito,

da falta de informações e comprometimento que limitam as oportunidades de participação nas várias esferas sociais, lentificando, desta forma, o processo de inclusão.

Pedrinelli e Verenguer (2005) defendem que tais modelos têm forte influência e determinam atitudes que colocam as pessoas que apresentam diferentes e peculiares condições em desvantagem, inclusive para a prática das atividades físicas.

Acreditamos que apesar da expansão nas últimas décadas de programas de atividades físicas para as pessoas com deficiência visual essas não contemplam a todos os indivíduos e nem todos os conteúdos e perspectivas que a educação física possibilita. É difícil encontrarmos pessoas com deficiências visuais que participem como lazer, por exemplo, de atividades físicas em conjunto com pessoas sem essas características em clubes, academias de dança ou artes marciais e em tantos outros ambientes. Por esses fatores visualizamos a necessidade de ampliar as oportunidades e a disponibilização de programas de atividades físicas adequadas que atendam os anseios e expectativas da população em questão e contribuam de maneira eficaz para seu desenvolvimento pleno e envolvimento real com a sociedade da qual fazem parte.

Como uma das premissas para a criação, planejamento e desenvolvimento de trabalhos deste tipo está o entendimento do que significa e quais são as características dessa população em particular trataremos nos parágrafos a seguir das questões relacionadas a este tema.

Segundo Munster e Almeida (2005), a deficiência visual é caracterizada pela perda parcial ou total da capacidade visual, em ambos os olhos, levando o indivíduo a uma limitação em seu desempenho habitual. A avaliação deve ser realizada após melhor correção ótica ou cirúrgica.

Existem várias formas de classificar a deficiência visual, caracterizadas de acordo com os objetivos a que se destinam, porém, a maioria se baseia em critérios clínicos. No presente trabalho utilizaremos a classificação baseada em parâmetros educacionais por esta fornecer indicações sobre a eficiência visual do indivíduo e, assim, ressaltar as potencialidades ao invés das limitações das pessoas com deficiências visuais. Segundo estudos de Munster escritos por Almeida e Conde (2002), a definição educacional volta-se para as possibilidades do aluno, fornecendo informações sobre aquilo que ele sabe e pode fazer.

Utilizaremos, portanto, as seguintes definições utilizadas por Almeida e Conde (2002) ao apontarem os estudos de Munster:

- Pessoa portadora de baixa visão [sic, pessoa com baixa visão]: “[...] é aquela que possui dificuldades em desempenhar tarefas visuais, mesmo com prescrição de lentes corretivas, mas que pode aprimorar sua capacidade de realizar tais tarefas com a utilização de estratégias visuais compensatórias, baixa visão e outros recursos, e modificações ambientais” (Corn e Koenig, 1996);
- Pessoa portadora de cegueira [sic, pessoa com cegueira]: “[...] é aquela cuja percepção de luz, embora possa auxiliá-la em seus movimentos e orientação, é insuficiente para aquisição de conhecimentos por meios visuais [...]” (Barraga, 1985).

Como o nosso estudo está contextualizado na área da Educação Física, acreditamos ser importante conhecer também a classificação esportiva da deficiência visual, utilizada no âmbito esportivo, tanto nas competições como nos programas de atividade motora adaptada. De acordo com Oliveira Filho e Almeida (2005), esta classificação respeita uma avaliação oftalmológica, realizada para que os atletas venham a competir dentro de classes, desenvolvendo assim o desporto de maneira mais igualitária, conforme o grau de deficiência. A Federação Internacional de Esportes para Cegos (IBSA)² que é o órgão máximo de representação e fomento de esportes para cegos e deficientes visuais entende que a classificação prove um método sistemático para agrupar os atletas em classes de acordo com suas habilidades visuais e desta forma, identifica três categorias:

B1³: De nenhuma percepção luminosa em ambos os olhos até percepção de luz, mas com incapacidade de reconhecer o formato de uma mão a qualquer distância ou direção.

B2: Da capacidade em reconhecer a forma de uma mão até acuidade visual de 2/60 metros⁴ e/ou campo visual inferior a 5 graus.

B3: Da acuidade visual de 2/60 metros a acuidade visual de 6/60 metros e/ou campo visual de mais de 5 graus e menos de 20 graus.

As classificações relatadas acima oferecem dados importantes sobre capacidade visual que devem ser consideradas na elaboração da metodologia do processo de ensino.

² Apesar da alteração da palavra associação por federação, optou-se por não modificar a sigla IBSA

³ A letra B é correspondente a abreviatura da palavra blind que em português significa cego.

⁴ Acuidade de 2/60 significa que a pessoa com baixa visão enxerga a uma distância de 2 metros o que uma pessoa sem problemas visuais enxerga a 60 metros.

Porém, elas só não bastam, acreditamos faltar informações que sirvam de embasamento para a compreensão da problemática da deficiência visual que envolve e gera consequências nos aspectos bio-psico-sociais do indivíduo. A partir do conteúdo encontrado em Munster e Almeida (2005) e explicitado logo abaixo podemos encontrar possíveis caminhos rumo a reflexão do problema posto acima.

Segundo os autores citados o funcionamento visual pode ser estudado e compreendido a partir de quatro aspectos, dois relativos ao órgão visual e dois relativos à pessoa. Os aspectos relativos ao órgão visual referem-se às alterações anatômicas e estruturais que levam a mudanças funcionais, acarretando assim alterações nas funções visuais, ou seja, uma deficiência visual. Já os aspectos relativos à pessoa, referem-se a modificações na capacidade de aproveitamento da visão, ou seja, na habilidade visual do indivíduo, em outras palavras acarretam uma incapacidade. Associada a essas duas palavras, deficiência e incapacidade, está uma terceira: desvantagem. A desvantagem ao contrário das outras duas não é intrínseca ao indivíduo, ela é posta pela sociedade, pela estrutura física, que constrói barreiras e obstáculos a locomoção e ao acesso da pessoa com deficiência visual aos inúmeros ambientes, pela falta de informações sobre esta deficiência que gera o sentimento de piedade e a associação da deficiência a incapacidade, limitação. Como resultado, tem-se a possibilidade restrita de participação do deficiente visual nas várias esferas sociais, como na educação, no trabalho, no lazer e em atividades corporais. E a restrita oportunidade de relacionar-se com o mundo gera consequências para o desenvolvimento pleno da pessoa. O processo de inclusão tem contribuído muito para a mudança do pensamento e das atitudes preconceituosas e assistencialistas com relação às pessoas com deficiência visual.

Menescal (2001) explica que a pessoa com deficiência visual é uma pessoa que apenas não enxerga ou possui baixa visão, assim sendo, nenhuma outra defasagem lhe é naturalmente inerente. A deficiência em si não acarreta nenhuma característica física, motora ou psicológica específica, porém devido à extensão e variedade da privação de experiências em decorrência da dificuldade imposta na capacidade de se locomover, a impossibilidade de observar movimentos e gestos de outras pessoas e intervenções educacionais não apropriadas à pessoa com deficiência visual poderá apresentar defasagens

no desenvolvimento psicomotor, cognitivo, social e afetivo, quando comparadas a indivíduos da mesma faixa etária com visão normal.

O contato da criança com o mundo físico se faz por meio dos sentidos e a qualidade de sua capacidade perceptiva está diretamente ligada à aquisição de habilidades motoras, tanto de manipulação quanto de locomoção, que permitem juntamente com as habilidades perceptivas a interação com o ambiente (Munster e Almeida, 2005). O principal elemento de captação de informações e estímulos, principalmente aqueles que levam à ação motora é a visão (Menescal, 1994). O movimento para a criança cega é o principal veículo das descobertas. Desta forma, se a criança não tiver possibilidades e não lhe proporcionarem estímulos adequados o seu desenvolvimento global sofrerá atrasos.

As desvantagens que as pessoas com deficiência visual sofrem iniciam-se logo após o surgimento da incapacidade de ver e se considerarmos que a deficiência é congênita, as defasagens surgem logo que a criança nasce acarretando, na ausência de estímulos adequados, uma interação restrita com o mundo.

Devido ao preconceito gerado pelo desconhecimento das características da deficiência, que causa por vezes a super proteção por parte dos pais e dos parentes e a reduzida oportunidade de experiências motoras, as defasagens no aspecto motor são freqüentes e acentuadas. Outros fatores que corroboram para o déficit motor são: insegurança para a realização de movimentos repentinos, a falta da visão que motiva o movimento e a falta de oportunidade em observar outras pessoas se movimentando (Winnick, 2004).

Vivemos em um mundo essencialmente de informações visuais, a pessoa desprovida desse sentido sente dificuldade em deslocar-se pelos diversos ambientes, criar um mapa mental dos lugares e interagir com as pessoas. Não é difícil imaginar as causas e possíveis conseqüências desses comportamentos. A impossibilidade de enxergar e a ausência de um mecanismo de percepção dos objetos e estruturas físicas que compõem o ambiente induzem ao medo de choques ou batidas que podem ocasionar de leves a graves ferimentos. Conseqüentemente a pessoa com deficiência visual não se sente segura para se locomover e movimentar-se, principalmente em ambientes estranhos, adotando uma postura tensa e insegura (Winnick, 2004). Sem uma gama grande e inter-relacionada de informações sobre os ambientes a percepção espacial da pessoa fica deficitária.

As pessoas cegas ou com baixa visão que não tiveram oportunidade de vivenciar diversas experiências motoras e interagir com ambientes diferentes são geralmente inseguras em relação às suas possibilidades, apresentam baixa auto-estima, baixa autoconfiança, dificuldades em relacionar-se, medo de situações e ambientes não conhecidos, grande ansiedade e dependência.

Conforme Winnick (2004), o componente que falta para o desenvolvimento de padrões normais de movimento e de condicionamento físico de pessoas com deficiências visuais é a falta de experiência, e não a capacidade. Desta forma, os déficits motores, cognitivos e sociais associados à deficiência visual podem ser sanados eficazmente através da participação em programas de educação física adequados as características e objetivos da população em questão que propiciem o desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos. Se o conteúdo desses programas será referente à dança, às artes marciais, ao esporte ou à ginástica e se o mesmo será abordado sobre o prisma do lazer, da educação ou do esporte de rendimento cabe a cada indivíduo decidir. E para que esta possibilidade de escolher seja real faz-se necessário a existência de inúmeras ofertas.

A participação e os excelentes resultados alcançados por pessoas com deficiências visuais em eventos importantes como as Paraolimpíadas, Jogos Panamericanos para Cegos e demais campeonatos internacionais e nacionais que englobam modalidades diversas comprovam que a deficiência não pode e não deve ser encarada e tratada como uma barreira intransponível a prática de atividades físicas, independente dos objetivos destas serem, lazer ou rendimento.

Os meios de comunicação têm contribuído muito para a divulgação de imagens e informações sobre a alta performance dos atletas com deficiências visuais nas diversas modalidades como: atletismo, futebol de cinco, judô, natação, goalball entre outras.

Há também trabalhos científicos como a tese de Mey de Abreu Van Munster e a dissertação de Artur Squarisi Carvalho, nos quais pessoas com deficiências visuais participam de esportes da natureza dentro de uma outra perspectiva que não a do esporte de alto rendimento, as pessoas deficientes visuais vivenciaram com grande intensidade, formas de manifestação esportiva diferenciadas, porém com destaque à qualidade.

De acordo com Winnick (2004), o desafio dos professores de educação física é planejar e ensinar de forma que as pessoas com deficiência visual possam participar

ativamente das atividades de educação física, recreação e esporte na escola e ao longo da vida.

Como um dos objetivos do nosso trabalho, estabelecemos o oferecimento de informações que possam ser usadas de maneira crítica pelo professor de educação física em sua atuação tendo em vista o enriquecimento e o envolvimento ético e responsável desse profissional. Acreditamos que o Kung Fu, enquanto elemento da cultura corporal rico em significações filosóficas e espirituais e de inúmeras possibilidades físico-motoras possa contribuir para o desenvolvimento das potencialidades latentes das pessoas com deficiência visual assim como contribuir para o processo de inclusão das mesmas.

No próximo capítulo discorreremos sobre o Kung Fu, suas raízes, suas características e suas possibilidades enquanto rico conteúdo do extenso conhecimento acerca da construção corporal de vários povos ao longo da história.

4. O Kung Fu-Wushu

Compreender o que significa o kung fu talvez seja uma tarefa complexa, pois ele não é apenas um conjunto de técnicas de combate. Abordaremos o tema, iniciando pela explicitação do significado da palavra em si, para, então, tratar de assuntos relacionados e traçar o histórico dessa arte marcial em seu país de origem e no Brasil. Para concluir falaremos sobre alguns de seus conteúdos relacionando-os as pessoas com deficiência visual.

A escrita oriental apresenta um sistema de linguagem metafórico completamente diferente do que estamos acostumados. Baseado em ideogramas, a combinação de idéias e conceitos difere de acordo com o contexto no qual estão inseridos, o que dificulta a interpretação e leitura dos mesmos. A palavra Kung Fu na escrita chinesa é representada pelo ideograma apresentado logo abaixo:



Segundo Lima (2000), o ideograma Kung é utilizado para representar “trabalho árduo”, “grande dedicação”, “esforço físico”. Pode ser compreendido como o conjunto de ações intencionais humanas, físicas e mentais, rumo a determinado objetivo. Fu transmite a idéia de “maturidade”, “experiência”. Interpretando a comunhão dos dois ideogramas, podemos entender que:

“A habilidade, no kung fu, não se refere a uma simples destreza física para uma tarefa específica. É construída pela sabedoria que advém da experiência, da tomada de consciência do mundo e das situações nele vividas, e não apenas da idade cronológica. Kung Fu é uma construção pessoal contínua e árdua, mas não necessariamente sofrida, posto que depende de trabalho, de esforço e de transformação. É uma arte que visa o auto-aprimoramento e/ou a perseverante busca de competência para a execução de algo. Execução como ação intencional – arte de “saber fazer bem” o que quer que se proponha a fazer [...]” (Lima, 2000, p. 111)

A palavra Kung Fu no dialeto cantonês significa tempo de habilidade, podendo ser traduzida também como maestria, eficiência e disciplina. Para os chineses, quando alguém consegue, através de intensa dedicação, transformar uma arte em sólida experiência de

aprimoramento pessoal, esta pessoa possui uma rara qualidade que é chamada de Kung Fu (Lima, 2000).

O Kung Fu, desta forma, pode ser encontrado em vários contextos e formas de manifestação artística e humanística, como na literatura, na caligrafia, medicina, filosofia, escultura, música, pintura, na arte marcial – o Wushu. O Wushu engloba todas as manifestações corporais, movimentos que em sua maioria “comunicam” simulações de ataque e defesa, que caracterizam o Kung Fu, e se coadunam com sua filosofia. (Lima, 2000)

Na China, utiliza-se a palavra Wushu para designar a soma dos diversos conhecimentos relativos a artes marciais.

No ocidente a expressão Kung Fu foi amplamente difundida e é usada para designar, genericamente, todas as modalidades de artes marciais de origem chinesa.

Por ser a palavra Kung Fu mais conhecida e de rápida associação com a arte marcial cujo conteúdo é essencial para o presente trabalho optamos por usar no mesmo essa palavra ao invés de Wushu, porém consideramos de grande importância o conhecimento deste termo e seu significado e importância. Ao utilizar o termo “Kung Fu”, estaremos nos referindo desde os movimentos da arte marcial tradicional chinesa e seus respectivos objetivos técnicos/estratégicos, até seu contexto mais amplo, de constante busca pela tomada de consciência. (Lima, 2000)

Traçar o histórico do Kung Fu não é uma tarefa fácil por vários motivos. Ao longo da história da China muitos documentos e patrimônios culturais foram destruídos, principalmente a mando de imperadores que desejavam a partir de sua ascensão ao poder edificar também uma “nova história”. E em segundo lugar, porque a linguagem metafórica chinesa, representada por ideogramas, pode ser interpretada e traduzida de diferentes maneiras, dependendo do contexto em que o fenômeno aconteceu e da forma como ele é narrado. Esses fatores, acrescidos dos valores místicos que marcam quase toda produção literária chinesa, contribuem para o desencontro de informações referentes aos relatos, às interpretações e, até mesmo, às datas dos acontecimentos. (Lima, 2000)

De acordo com a autora citada acima, o Kung Fu, enquanto arte de “saber fazer bem”, está presente desde os primórdios da civilização chinesa, incorporando seus elementos históricos, culturais e religiosos ao longo da história. Apesar de rudimentar, o

conceito da arte marcial chinesa também se remete a mesma época através da utilização de armamento contra animais selvagens e confrontos entre tribos rivais. Porém, é difícil precisar uma data para o surgimento do Kung Fu, do qual temos hoje uma pequena amostra, pois ele não surgiu do nada, há toda uma bagagem histórica dos povos envolvidos que culminaram na sua sistematização. Atribui-se o início da sistematização dos conhecimentos relativos a esta arte marcial a introdução, por Ta Mo, do budismo Chan na China durante a dinastia Wei (398 – 534 d.C) e à construção do Templo Shaolin, berço do Kung Fu (Wai e Veiga, 1995).

O monge indiano Bodhidharma (Ta Mo, em chinês), 28º patriarca do Budismo foi enviado à China por volta de 525 da Era Cristã. Ta Mo instalou-se no Templo Shaolin, construído nas montanhas de Songshan, na província de Henan, no final do século V, para se tornar o maior centro de estudo, tradução e difusão do Budismo da época. Constatando que os monges do templo não suportavam as várias horas de meditação, Bodhidharma os ensina alguns conhecimentos da arte do vajramushti, antiga arte marcial indiana que objetiva saúde física e elevação espiritual (Natali, 1987). Foram criadas inicialmente 18 rotinas de Shaolin com o objetivo de tirar a fadiga e a sensação de cansaço provocada pelas longas horas de meditação. Com o tempo, outras rotinas foram criadas com diferentes intuitos, como o de proteção contra animais (Lima 2000) e bandoleiros.

Muitos militares e nobres perseguidos refugiaram-se no mosteiro de Shaolin. Com as constantes visitas de estrangeiros, ora foragidos, ora convidados e alguns até mesmo em busca da iluminação oferecida pelo budismo, os monges de Shaolin puderam aprender, estudar, compilar e aprimorar diversos estilos de arte marcial com os quais tiveram contato. O Kung Fu de Shaolin nasce, então, da combinação do vajramushti com técnicas de autodefesa, conhecimentos provenientes de antigas artes marciais, observação dos elementos da natureza, principalmente o comportamento dos animais, e os ensinamentos do budismo Chan, que valoriza a contemplação intuitiva cultivada pelo amor à natureza e à vida. Segundo Zhao-hua (1988), tal amor se exercita por meio de trabalhos manuais e leva ao desenvolvimento da personalidade total através do autoconhecimento.

Devido às inúmeras guerras que assolavam a China e as constantes ameaças, os monges desenvolveram e aperfeiçoaram técnicas combativas que foram usadas muitas vezes para defesa do templo e também a serviço de imperadores. Durante muito tempo, o

kung fu foi valorizado por seu aspecto combativo. Mas com o desenvolvimento bélico tomando o lugar dos confrontos corpo-a-corpo, essa arte marcial deixou de ser praticada para fins de combate. Por conter filosofia própria e objetivar o aprimoramento do ser humano, a tradicional arte marcial chinesa perdurou e é conhecida mundialmente (Lima 2000), atraindo, inclusive por sua plasticidade, inúmeros adeptos e admiradores.

O Kung Fu praticado no Templo Shaolin foi difundido pela China e até mesmo levado para outros países onde influenciou a origem de outras artes marciais como o jiu-jitsu e o judô. Na China existiram outros Templos nos quais o Kung Fu do Templo Shaolin sofreu alterações originando outros estilos. Segundo Lima (2000), o Kung Fu não é abrangente apenas no aspecto filosófico, sua prática também contém inúmeras variações, às quais são chamadas de “estilos” ou “escolas”. Na China, há catalogado cerca de 360 estilos, que apesar de possuírem características e aplicações diferentes, compartilham da mesma origem e fundamentação.

Atualmente, o Kung Fu é subdividido em dois principais estilos denominados internos e externos. Os estilos externos são caracterizados pelos movimentos velozes e bastante flexíveis, ou lentos e fortes, dependendo da característica de cada escola. São exemplos deste, os estilos: Shaolin do Norte, Choy Li Fat, Tong Long, Hung Gar. Os estilos internos são marcados por movimentos lentos, compassados, com suavidade e ao mesmo tempo com explosão, sem a aparente utilização da força física e sim dos fluxos e canais energéticos - Chi. (Cremasco, s/d) Há maior ênfase em técnicas respiratórias e de meditação, principalmente devido à herança das antigas práticas de cura e de busca da longevidade. O Tai Chi Chuan é o mais conhecido desses estilos.

A introdução do Kung Fu no Brasil dá-se em 1960 com o desembarque dos primeiros Grão-Mestres chineses em nosso país, dentre os quais estava o Mestre Chan Kowk Wai, a mais alta autoridade do estilo Shaolin do Norte em território brasileiro. Em 1989 é fundada a Federação Paulista de Kung Fu (FPKF) com os objetivos de reunir, amparar e colaborar no desenvolvimento da modalidade em todo o Estado de São Paulo. Hoje somam-se vinte e três Federações Estaduais em todo o Brasil, amparadas pela Confederação Brasileira de Kung Fu que está vinculada ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB), e a International Wushu Federation (IWUF) com sede em Pequim, na China.

O Kung Fu como as demais manifestações corporais foi atingido pelo processo de esportivização e conseqüentemente sofreu algumas modificações. Podemos identificar o Kung Fu enquanto arte marcial e enquanto esporte e como tal sujeito às características deste, como o estabelecimento de regras, a exacerbação da competitividade, a espetacularização e a profissionalização de alguns de seus praticantes. Esta é uma discussão longa e como nosso trabalho visa discutir as possibilidades e potencialidades do Kung Fu enquanto arte marcial passível de ser vivenciada por pessoas com deficiência visual receio não podemos enveredar pelo polêmico campo do assunto suscitado acima. Podemos, no entanto, traçar um panorama sobre as competições, afinal elas são em grande parte responsáveis pela divulgação do Kung Fu.

No Oriente, as competições de Kung Fu são verdadeiros espetáculos que atraem multidões de pessoas kungfistas e admiradores, além da presença da mídia. Há competições de katis ou formas, que são como coreografias refinadas e de alta plasticidade e as competições de luta, combate. No Brasil o circuito principal de competições é composto pelos Campeonatos regionais, estaduais e o Brasileiro. Há ainda campeonatos interestaduais e as variadas copas. Campeonatos Internacionais, Sul-americano e o tradicional e oficial Campeonato Mundial compõem a agenda esportiva. A IWUF conta hoje com noventa e sete países membros e o Wushu é um dos esportes com potencial para ser incluído nos próximos Jogos Olímpicos que terão como país sede a China.

A beleza e a riqueza desta milenar arte marcial podem ser contempladas em inúmeros espetáculos como os apresentados pelo Circo Imperial da China, a Ópera de Pequim, a Ópera do Rei Macaco e apresentações organizadas pelos órgãos nacionais que organizam o Kung Fu. A festa de encerramento dos Jogos Olímpicos de 2004 contou com uma das variações do Kung Fu, os katis, para apresentar o próximo país a sediar um dos eventos mais esperados do Esporte Mundial. Nas últimas décadas, filmes como os estrelados por Bruce Lee, Jet Lee, Jackie Chan têm contribuído intensamente para a divulgação, ainda que com ressalvas, de alguns aspectos do kung fu – técnicas de luta. Produções como “O Tigre e o Dragão”, “Herói” e “O Clã das Adagas Voadoras”, retratam esta arte marcial em sua abrangência e riqueza.

Diferentemente de seu passado oriental, o Kung Fu pode ser aprendido por qualquer pessoa, bastando esta se matricular em uma academia que ofereça essa arte marcial. Ao ser

introduzida em um país cuja cultura, estrutura social e econômica são tão distintas de seu país de origem esta prática oriental sofreu influências e modificações para se enquadrar nos moldes da sociedade ocidental, marcada pelo capitalismo e a ditadura da mercantilização. Uma das consequências negativas deste processo é a redução do Kung Fu em mera reprodução de gestos de ataque e defesa. Desprovido de sua essência filosófica e moral esta arte marcial transforma-se em um mero produto a ser vendido para uma clientela com objetivos diversificados. Pessoas que se intitulam professores de Kung Fu, mas que desconhecem o real significado e objetivos desta arte marcial, são responsáveis por ensinar erroneamente, em suas academias, movimentos de luta e coreografias sob o nome de Kung Fu contribuindo de certa forma para a ligação comumente realizada pelo imaginário popular das artes marciais com a violência e a agressividade.

Todas as práticas corporais e sistemas simbólicos criados pelos homens são reflexo de suas experiências e vivências em um dado contexto histórico e social que por ser dinâmico e vivo sofre alterações com o transitar da história. Essas mudanças não necessariamente afetam a essência e a base ideológica e filosófica que deu origem, no caso de nossas discussões, ao conjunto de conteúdos da arte marcial chinesa sistematizados e nomeados Kung Fu.

Um bom professor desta arte marcial, transmite aos seus alunos através da sua postura, do seu modo de tratar os outros, do planejamento de suas aulas, de sua didática, da organização do espaço de treino e da academia alguns dos conteúdos filosóficos, e simbólicos englobados pelo Kung Fu, que contribuem para o aprimoramento pessoal.

Na China, tanto os estilos internos quanto os externos de Kung Fu fazem parte do conteúdo escolar desde 1925, visando muito mais ao auto-conhecimento e à saúde do que à aplicação técnica propriamente dita. (Lima 2000) No âmbito acadêmico e no cenário das faculdades o Kung Fu está também presente. Estudos sobre a biomecânica dos movimentos, a história e os benefícios da prática desta milenar arte marcial são alguns dos conteúdos pesquisados. O Wushu já faz parte de universidades inclusive como curso regular na China, com mestrado e doutorado.

Na China, o Kung Fu compreende um dos meios mais comuns para se alcançar o aprimoramento físico e mental (Lima, 2000). Entre os benefícios conhecidos da prática

desta arte marcial estão o autocontrole, disciplina, autoconfiança, equilíbrio, condicionamento físico, paciência e a concentração.

“O corpo de um indivíduo não pode agir sem a interferência da mente, e a mente deve ser orientada a acalmar o espírito. A prática do verdadeiro Kung Fu exige que os ensinamentos influenciem no dia a dia (modo de vida), em cada aspecto da vida do praticante. O Kung Fu une mente, espírito e corpo e nos proporciona um equilíbrio saudável”. (autor desconhecido, apud CREMASCO, s/d)

4.1 O estilo Shaolin do Norte

Como praticante do estilo Shaolin do Norte, me deterei neste trabalho aos conteúdos técnicos deste estilo. Embora algumas posturas e técnicas de socos e chutes sejam comuns a outras escolas, cada estilo possui suas especificidades e características.

O Shaolin do Norte é um estilo completo e diversificado, praticado em todo o mundo. Ele mantém como base as 10 mãos de Shaolin e conta com formas e técnicas adicionais como Luo Han, Liu He, Zha Quan, Tan Tui e outras. As 10 mãos de Shaolin preservam a arte marcial do Templo Shaolin, unindo eficácia e beleza nos movimentos. Estão divididas em 10 formas de mãos, cinco curtas e cinco longas. Há também as formas executadas com armas. Há mais de vinte tipos de armas sendo as principais e mais conhecidas: bastão, facão, espada e lança. No estilo encontram-se também técnicas de mãos, aprisionamentos e ênfase nas técnicas de pernas, tendo o mais variado arsenal de chutes, chutes com giros e saltos, rasteiras, quedas e chutes múltiplos. Exercícios de Qi Gong chamado de Sino de Ouro e a Palma de Ferro compõem o treinamento tradicional. As características marcantes do estilo são ataques longos e curtos. A força e técnica empregadas nos movimentos denotam a eficiência dos mesmos.

O estilo Shaolin do Norte é por esses e outros fatores considerado o mais completo de todos os estilos de arte marcial chinesa.

4.2 Conteúdos técnicos do estilo Shaolin do Norte ensinados na Academia Shaolin de Kung Fu Wushu de Valinhos

Há nove anos frequento a Academia Shaolin de Kung Fu Wushu situada em Valinhos. Minha formação nesta arte marcial chinesa se deu inteiramente a partir das

experiências proporcionadas pelas pessoas que compõem a academia, os professores, instrutores e auxiliares e nos vários ambientes como os utilizados para treino e os locais de competição. Cada professor tem um perfil e uma experiência de vida diferente, que se refletem na maneira de tratar o processo de ensino-aprendizagem do Kung Fu e assim na maneira como eles organizam os conteúdos a serem ensinados e a metodologia a ser utilizada. Os conteúdos explicitados no decorrer deste texto são baseados principalmente nos conteúdos ensinados na Academia em questão, podendo haver algumas diferenças com relação aos conteúdos ensinados em outras academias do mesmo estilo. Compreendemos que não há a necessidade de explicar todos os conteúdos. Abordaremos aqueles que especificamente caracterizam o Kung Fu e que a princípio possam parecer de difícil aprendizagem por pessoas com deficiência visual.

Dentre os conteúdos estão as posturas básicas, os katis sem e com armas, as técnicas de combate compostas por principalmente por chutes, socos e projeções (quedas), as técnicas de defesa pessoal, exercícios de respiração e dez exercícios padronizados de aquecimento e os chamados “batimento de braço” e “controle de perna”(sustentação da posição de um chute por determinado tempo).

No Kung Fu há três posturas básicas, o cavalo (mabu), o arqueiro (gumbu) e o gato (shibu). Elas aparecem tanto nos katis como nos treinamentos de chutes e socos. É muito importante que os iniciantes aprendam a executá-las corretamente.



Figura 1: Postura cavalo (mabu)



Figura 2: Postura arqueiro (gumbu)

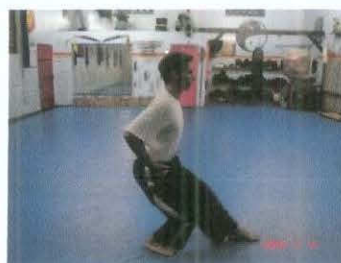


Figura 3: Postura gato (shibu)

Katis são seqüências de movimentos pré-determinados de ataque e defesa, dispostos logicamente e que determinam as características do estilo. Podem ser feitos individualmente ou com duas ou mais pessoas e manuseando ou não armas. Enfatizam a luta e não apenas movimentos floridos e cada técnica está desenvolvida na idéia de ataque e defesa aliada à resistência física, força, velocidade, equilíbrio e elasticidade.

Os katis foram criados para possibilitar que os praticantes do Kung Fu pudessem treinar as técnicas de combate sem que seus inimigos as descobrissem. “Um estilo pode ter vários Katis que normalmente obedecem a uma seqüência ordenada para o aprendizado, de acordo com o estágio de evolução, complexidade dos golpes e técnicas de luta.” (Cremasco, s/d, p.1)

Os katis praticados por duas ou mais pessoas são chamados de “luta combinada” ou “toicha”. Eles apresentam a simulação de uma luta, demonstrando a aplicação das técnicas contidas nas formas. Como dito anteriormente podem ser executados com ou sem armas.

O aprendizado e o treino de katis desenvolvem entre outras capacidades e habilidades a coordenação, equilíbrio, orientação espacial e a lateralidade, componentes importantes e imprescindíveis em um programa de atividade física, principalmente, para pessoas com deficiência visual. Os movimentos que formam os katis têm significados e aplicações práticas, são variados e apresentam uma disposição lógica e crescente de complexidade. O aprendizado e a execução correta dos katis constituem-se em um desafio, que depende apenas da determinação e da disposição do aluno para ser vencido, gerando grande satisfação.

Desta feita, visualizamos o kati, como uma manifestação do Kung Fu-Wushu, cujo condicionante revela-se como rico instrumento para ser explorado com qualidade, inclusive sem o auxílio da visão. A impossibilidade de ver faz com que a pessoa precise se concentrar ainda mais em si mesma. O oferecimento de informações adequadas sobre os movimentos a serem executados contribuem para a percepção mais refinada dos movimentos executados por cada parte de seu corpo possibilitando a auto-correção e melhorando a consciência corporal. Como consequência desses eventos pode ocorrer aprimoramento da percepção corporal tanto em relação ao espaço, como em relação às partes do corpo em determinados movimentos.

As armas nas artes marciais são consideradas prolongamento do corpo. No Kung Fu Shaolin do Norte inúmeras armas são utilizadas. Elas são ensinadas de acordo com a graduação do aluno no estilo, pois apresentam níveis diferentes de complexidade de seu manuseio, que variam do mais simples ao mais complexo. A primeira arma a ser aprendida é o bastão seguido do facão, da espada e da lança, as armas mais tradicionais do estilo apresentado. As armas usadas durante os treinos são de madeira de modo que não oferecem risco algum ao praticante. O ensino das armas contribui muito para o desenvolvimento da coordenação global e principalmente dos movimentos coordenados de braços.

Consideramos que os toichás não sejam apropriados para o ensino de pessoas cegas, porém as pessoas com baixa visão podem e devem ter a oportunidade de aprender essas formas de luta combinada quando estiverem prontos para tal conteúdo. Os toichás de acordo com o número de pessoas e das especificidades das armas utilizadas podem ser consideradas de curta, média ou longa distância. Cientes dessas características e da eficiência visual de seus alunos, o professor estará apto a decidir quais lutas combinadas poderão ser ensinadas às quais alunos com deficiência visual. Por exemplo, toichá sem armas, entre duas pessoas é considerado de curta distância e, portanto, pessoas consideradas B2 ou B3 no exame oftalmológico podem ter a possibilidade de se envolverem com tal conteúdo.

A luta ou sanshou, como é mais conhecida no universo do Kung Fu, tem suas raízes na aplicação real das técnicas do wushu. Os combates antigos encerravam ideais e costumes que não eram compatíveis com as regras das sociedades modernas e, portanto, foi necessário ressignificar essa prática corporal. Regras foram criadas com o objetivo de garantir a integridade física do lutador e o uso de equipamentos de proteção foi instaurado.

Diante deste contexto podemos abrir um parêntese para discutir uma das formas de manifestação corporal identificada como luta. E eu começo com a seguinte indagação: o que é luta? Porque as pessoas a associam com gestos violentos?

É importante compreendermos o que significa a luta e quais são suas dimensões para não incorreremos no erro de transmitir em nossa postura como professores e em nossas aulas uma visão reducionista, pré-conceituosa e limitada do fenômeno luta. Conceituar a luta é também uma maneira de se ampliar a lente pela qual enxergamos essa manifestação corporal e conseqüentemente expandir as possibilidades metodológicas de ensino das

mesmas. Pucineli (2004) traz o conceito dessa manifestação corporal elaborado pelo grupo de estudo de luta formado por alunos da Unicamp, o qual considera a luta corporal como uma prática de oposição geralmente entre duas pessoas, na qual realiza-se uma ação (toque ou agarre) com o objetivo de dominar a outra, dentro de regras específicas. Desta forma a luta pode ser compreendida como atividades que se constituem em oposição geralmente entre duas pessoas, na qual o alvo a ser atingido está no próprio oponente e há a possibilidade de ataque mútuo, em qualquer situação e momento. A partir desta definição podemos criar diversas atividades e brincadeiras que facilitem e enriqueçam o aprendizado da luta. Não precisamos desta maneira trabalhar apenas com os conteúdos técnicos e específicos de uma modalidade, no caso o Kung Fu. Através destas estratégias podemos introduzir o conteúdo das lutas, trabalhar aspectos estratégicos, valores e possibilitar que qualquer pessoa se envolva com aspectos que caracterizam a luta. Pensando desta forma, pessoas cegas, crianças, pessoas com idade avançada ou com qualquer outra característica podem se enveredar pelo vasto campo da luta, enquanto rico conteúdo da cultura corporal.

Dentre as técnicas de luta estão os mais diversos chutes, socos e projeções. Esses elementos não precisam ser treinados unicamente com o objetivo de serem usados na luta. Eles são elementos importantes do Kung Fu, aparecem nos katis, têm muitas variações e contribuem no desenvolvimento de todas as capacidades físicas (flexibilidade, força, coordenação, equilíbrio, flexibilidade, velocidade) e de várias habilidades.

Dentre os socos temos o direto, o jab, o cruzado, o upper e o rodado de braço que são os mais usados nos combates.



Figura 4: Soco jab



Figura 5: Soco direto



Figura 6: Soco cruzado



Figura 7: Soco upper

Os quatro tipos principais de socos citados inicialmente podem ser treinados individualmente, projetando os socos no ar, ou no saco de pancada, ou podem ser treinados em duas ou mais pessoas usando equipamentos como luvas e focos. No caso das pessoas com deficiência visual é perfeitamente possível o treinamento desses movimentos. Para as pessoas cegas o treinamento individual é o mais recomendado inicialmente. Já as pessoas com baixa visão podem se beneficiar com os outros tipos também. Visando o melhor aproveitamento destas faz-se necessário a adequação dos equipamentos às suas características visuais. Cores contrastantes e com brilho podem facilitar a visualização e a localização do alvo.

Na Academia treinamos também uma sequência de socos composta basicamente de quatro tipos⁵ caracterizados pela posição do punho (deitado ou em pé) pela posição dos braços (estendidos para projetar o soco, próximos ao corpo ou estendidos acima da cabeça em posição de defesa) e pela postura corporal (de pé, com as pernas levemente afastadas, na posição do cavalo e do arqueiro). Os movimentos são realizados com ambos os braços, ressaltando que na posição do arqueiro há, portanto, um giro do quadril e tronco para ambos os lados.

⁵ 1º em pé, pernas afastadas na largura dos ombros, soco com o punho em pé com o um dos braços esticados a frente do corpo na altura dos ombros, o outro punho permanece cerrado com a parte interior da manha encostada na cintura, 2º na posição do cavalo, posição dos braços iguais ao do movimento anterior, com a diferença que o braço esticado pela virada do tronco e a mudança do referencial encontra-se perpendicular ao eixo de rotação do quadril e deve estar deitado, de maneira que se a palma da mão fosse aberta estaria voltada para o chão, 3º na posição do arqueiro, braços seguem a mesma orientação dada anteriormente, o punho que soca ainda deitado, 4º na posição ainda do arqueiro, o punho do braço esticado a frente vira para a posição de pé e o punho cerrado na cintura muda – a mão é aberta com os dedos esticados e unidos, o braço eleva-se sob a cabeça, em um movimento de defesa.



Figura 8: Seqüência de socos

Existem vários tipos de chutes, como os socos eles aparecem nos katis e podem e devem ser treinados enquanto conteúdo independente. Pode-se da mesma forma que os socos serem treinados individualmente com ou sem o auxílio de um saco de pancada ou em grupos de duas ou mais pessoas utilizando equipamento como a caneleira e materiais como aparadores e raquetes dependendo dos objetivos almejados e da atividade proposta. Na Academia Shaolin de Valinhos há uma seqüência de dez chutes que aparecem quase em todas as aulas. Dentre estes há chutes frontais, laterais, rodados utilizando como área de contato diversas partes do pé. A maioria dos chutes pode ser realizada em diferentes alturas conforme o alvo imaginário que pode ser tanto a coxa, como as costelas e a cabeça. Quanto maior a flexibilidade e a incorporação da técnica correta, maior a precisão, velocidade e força do chute. Há também duas seqüências de chutes denominadas perna 1 e perna 2 compostas respectivamente por 14 e 18 chutes ao todo. Esta é uma seqüência muito interessante, principalmente para pessoas com deficiência visual, pois ela trabalha a lateralidade e a noção do corpo no espaço. A pessoa permanece no mesmo lugar e executa três diferentes tipos de chutes na “perna 1” e 5 “na perna 2”, porém ela explora várias direções ao realizar os chutes para esquerda, direita, frente, trás e diagonais.



Figura 9: Chute lateral no estômago



Figura 10: Chute peito do pé no rosto

Tanto os socos como os chutes podem ser treinados em situação estática ou em deslocamento. Podem ser também treinados isolados ou pode-se elaborar seqüências, inclusive combinando as duas manifestações. Essa situação requer muita coordenação dos movimentos e agilidade.

Como parte do treinamento é ensinado combate simulado para desenvolver a coordenação, reflexo e noções de distância em uma luta. Luta simulada deve ser realizada com os equipamentos de segurança como precaução, como colete, capacete, luvas e caneleiras. Os golpes podem tocar o companheiro, mas nunca com força. Este é um treino bom, pois permite aos alunos vivenciar o objetivo prático das técnicas de socos e chutes e trabalhar o raciocínio tático além de trabalhar fatores psicológicos e emocionais. Pensando na pessoa cega esta estratégia talvez não seja interessante pelo risco a que pode submeter o indivíduo. Para iniciantes cegos, a falta de informações visuais e de conhecimentos e outras habilidades específicas apenas adquiridas com o tempo e a dedicação ao treino tornam esta atividade de luta combinada inadequada e imprópria, mesmo pelas possibilidades de causar efeitos psicológicos negativos que gerem insegurança e redução da motivação em continuar a participar das aulas. Acreditamos que estratégias adequadas como a implementação de algo que produza som nos equipamentos de luta e o uso de cores brilhantes tornem viáveis esse tipo de prática para kungfuistas cegos.

As projeções ou quedas são técnicas que visam provocar o desequilíbrio do oponente e leva-lo a tocar o chão com qualquer outra parte do corpo que não os pés. Dentre as técnicas mais treinadas estão as denominadas baiana (a pessoa “abraça” as pernas do oponente e tenta levanta-lo, inclinando-o em direção ao solo), falsa baiana (agarra-se uma das pernas do adversário e com o auxílio da força provocada pelo ombro posicionado no quadril do mesmo desequilibra-o), quedas de quadril (o indivíduo “abraça” o oponente com um dos braços enquanto o outro segura o braço do adversário, aproxima seu pé do pé do outro e com giro rápido do quadril causa sua queda) e a antecipação (aproveitar o chute na coxa desferido pelo oponente e agarrar sua perna, andar para frente e ao mesmo tempo projetar um soco causando o desequilíbrio para trás do adversário). Como as projeções necessitam o contato entre os dois combatentes e comumente o agarre, elas são perfeitamente possíveis de serem compreendidas e ensinadas para as pessoas com

deficiência visual. O toque e o contato podem suprimir as informações visuais que faltam ou são deficitárias para as pessoas com deficiência visual.

No judô, esporte muito praticado por pessoas cegas ou com baixa visão as técnicas de projeção são bastante utilizadas.

No processo de aprendizagem dos movimentos de projeção, o ensino de como “cair” é imprescindível para garantir a segurança do aluno. Há algumas formas corretas de cair que diminuem o impacto e impedem que a pessoa derrubada se machuque, apoiando erroneamente mão ou cotovelo no chão ou batendo as costas fortemente no solo. Segundo Rodrigues (1999), a aprendizagem das técnicas de queda por pessoas com deficiência visual são importantes para diminuir o medo de cair contribuindo para aquisição de maior segurança e autonomia para deslocar-se, podendo inclusive, influenciar a perda da rigidez para locomover-se.

Outro conteúdo característico das artes marciais e, principalmente do Kung Fu, são as técnicas de defesa pessoal. Este é também um dos principais motivos que leva muitas pessoas a se matricularem em academias dessa modalidade. Existem inúmeros tipos de defesa pessoal que exigem níveis diferentes de habilidades e, portanto, são ensinadas seguindo uma gradação conforme a complexidade que elas apresentam. Na Academia, o professor observando a dificuldade de muitos alunos em executar corretamente a técnica decidiu segmentá-las para facilitar a aprendizagem. São treinadas desta forma a defesa pessoal dita real, que imita situações possíveis de ocorrerem no cotidiano e a defesa pessoal com comandos que são as defesas descritas anteriormente, porém divididas em partes executadas a partir de um comando pré-determinado. Essa estratégia diminui a velocidade de execução dos movimentos proporcionando uma melhor compreensão do posicionamento do corpo e dos membros especificamente. Pensando nas pessoas com deficiência visual esta estratégia viabiliza o ensino de técnicas de defesa pessoal por pessoas cegas. O aprendizado deste conteúdo contribui significativamente para o desenvolvimento da percepção corporal, um dos itens importantes de um programa de atividades físicas, principalmente para pessoas com deficiência visual.

No próximo capítulo abordaremos cuidados especiais e processos metodológicos que devem permear o processo de ensino-aprendizagem de pessoas com deficiência visual.

5. Estratégias de ensino para pessoas com deficiência visual

Ensinar significa lidar com conhecimentos e criar condições para que o educando se envolva com os conteúdos e possa sobre eles refletir de maneira a assimilá-los e transformá-los de acordo com sua realidade intrínseca. O processo de aprendizagem engloba muito mais que o ato de observar, faz-se necessário que o conhecimento seja significativo, prazeroso e que incite a pessoa que se predispõe a aprender a incorporar as novas informações, relacioná-las e ressignificá-las. O processo de ensino-aprendizagem não é e não pode ser, portanto, passivo, nem centrado apenas nos objetivos do educador ou do educando. É preciso que haja harmonia nos desejos e expectativas de ambos e para que isso ocorra é necessário respeitar as características de cada indivíduo, compreender que cada pessoa tem um tempo para aprender, tem uma história de vida diferente, tem um conhecimento prévio elaborado, tem expectativas distintas e tem necessidades peculiares que devem ser consideradas no planejamento e na escolha da metodologia a ser utilizada.

Há algumas premissas que norteiam e são essenciais na construção de um processo de ensino. Conhecer profundamente o conteúdo a ser ensinado, conhecer os educandos, ter clareza dos objetivos que se quer alcançar e ter claro que o ser humano é biológico, social, histórico e que, portanto, não pode ser compreendido desvinculado da teia de relações que o cerca.

Como o enfoque desse trabalho são estratégias de ensino-aprendizagem voltadas para pessoas com deficiência visual, fatores relativos a deficiência visual devem fazer parte da anamnese dos alunos. De acordo com Munster (2004) e Munster e Almeida (2005) é necessário conhecer detalhadamente a severidade da perda visual, a etiologia da deficiência visual, tempo decorrido desde sua manifestação, a existência ou não de um período de visão no início da vida, eventuais problemas de saúde, uso de medicamentos, envolvimento prévio em experiências motoras e fatores ambientais que envolvem diretamente a pessoa.

Vivemos em um mundo essencialmente visual, pautamos nossas ações nos recursos que a visão nos possibilita e no paradigma da massificação e da igualdade que limita a ação pedagógica da maioria dos professores que dão, em consequência, aulas iguais, padronizadas para pessoas ditas iguais. E talvez seja por isso que haja uma grande

resistência e dificuldade de profissionais da educação, inclusive da educação física, em lidar com populações que fogem do padrão da igualdade, da normalidade.

Munster (2004) aponta que o processo de ensino-aprendizagem deve envolver adequação dos mecanismos de informação e adaptações relativas ao espaço físico e recursos materiais. Esta é uma prerrogativa essencial para o processo de ensino-aprendizagem de pessoas com deficiência visual, pois se pensarmos na estrutura das aulas de educação física nas quais o professor explica as atividades, principalmente, através de gestos e informações verbais curtas e imprecisas e que o ambiente é organizado e construído para ser reconhecido visualmente a pessoa cega ou com baixa visão não tem como participar ativamente das aulas.

Com o objetivo de adequar a prática pedagógica às necessidades das pessoas com deficiência visual e possibilitar a acessibilidade das pessoas com tal característica à mesma, Oliveira Filho e Almeida (2005) consideram a construção de mecanismos de informações pautados na explicação verbal, nos auxílios sonoros, marcas táteis e no apoio cinestésico como pontos chave para efetivação de processos de ensino-aprendizagem para a população em questão. Essa proposta será discutida mais detalhadamente no item 5.2 Mecanismos de informação.

Depauw e Gavron (1995) discutem a importância do professor entender o conteúdo da modalidade com a qual ele vai trabalhar para poder se comunicar clara e eficientemente com o aluno.

Dentro do processo de ensino de conteúdos da cultura corporal, a proposta deve abordar, além dos conteúdos referentes à modalidade escolhida, o desenvolvimento global do indivíduo, inclusive os princípios essenciais para a educação do ser humano dentre os quais estão a cooperação, a participação, o respeito, a disciplina e a responsabilidade.

Concordamos com Carvalho (2005), quando ele afirma que não é possível trabalhar e desenvolver a educação física baseada em “receitas” prontas, em manuais. O professor deve ter conhecimentos sólidos do conteúdo a ser ministrado, dos educandos e deve ter claro seus objetivos pedagógicos e o pressuposto filosófico que nortearão sua prática. Consciente desses elementos o professor de educação física deve ser capaz de estruturar um programa de atividades físicas que atenda as necessidades, os anseios e expectativas de seus alunos e que contribua para o desenvolvimento pleno dos mesmos.

Não pretendemos, pelos fatores discutidos, descrever em nosso trabalho atividades de Kung Fu para pessoas com deficiência visual. Acreditamos que cabe a cada professor conhecedor de sua realidade elaborar estratégias de ensino que se coadunam com todas as prerrogativas discutidas anteriormente. Por isso, no decorrer deste capítulo iremos abordar questões imprescindíveis relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem de pessoas com deficiência visual, como, orientações gerais, mecanismos de informação, reconhecimento do ambiente de aula e adaptações de materiais que servirão como embasamento teórico para o professor juntamente com outros conteúdos elaborar sua prática pedagógica. Ao final do capítulo apresentaremos algumas sugestões de estratégias que visam enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.

5.1 Orientações gerais

Munster (2004), considera que no trabalho com pessoas cegas e com baixa visão é importante atentar-se para alguns fatores. Baseados nessa autora discutiremos sobre algumas orientações que podem contribuir para a prática pedagógica do professor.

Como as pessoas cegas não enxergam para onde ou para quem o olhar do educador está voltado é importante para segurança e também aproximação na relação professor-aluno que o professor chame o aluno pelo nome toda vez que quiser se referir a ele, seja para dar-lhe alguma instrução verbal ou alertá-lo. Antecipar verbalmente suas ações é uma maneira de não surpreender ou assustar o aluno, inclusive quando for tocá-lo.

A estratégia de intercalar pessoas cegas com baixa visão e sem deficiência favorece a interação entre os participantes e a participação de todos. Como os alunos podem não possuir boa orientação espacial é aconselhável trabalhar em círculos, fileiras ou colunas até que se estabeleça razoável domínio na relação espaço-corpo.

Em um programa de atividade física, as pessoas cegas orientam suas ações baseadas, principalmente, nas explicações verbais oferecidas pelas outras pessoas. Desta forma, possuir bom vocabulário e saber se expressar claramente contribui para melhor compreensão da atividade proposta e melhor aproveitamento da aula.

O professor não deve subestimar o potencial do educando e nem criar pré-conceitos. O educador deve possuir a disposição de aprender juntamente com seus alunos,

valorizando a troca de experiências. Nunca deve julgar o aluno sem antes procurar avaliar o seu próprio desempenho. Muitas vezes, o professor por não conseguir se expressar adequadamente pode complicar a tarefa do aluno, criando algumas dificuldades no processo de aprendizagem.

O educador deve constantemente avaliar sua prática pedagógica e considerar que eventuais problemas podem estar associados ao método de intervenção pedagógica ou ao ambiente e não ao aluno.

5.2 Mecanismos de informação

As informações auditivas e táteis destacam-se como elementos propiciadores para uma conduta facilitadora ao desenvolvimento de estratégias de ensino-aprendizagem. (Almeida e Oliveira Filho, 2005)

Os mesmos autores citados acima sistematizaram uma maneira de explicitar e classificar as informações auditivas e táteis que contribuem significativamente para enriquecer e tornar possível o processo de ensino-aprendizagem de pessoas com deficiência visual.

De acordo com eles as informações auditivas podem ser classificadas como: verbal explicativa e sinalética de apoio. Como a própria denominação sugere, a informação verbal explicativa permite a compreensão do movimento por meio de palavras e de explicação oral. Já a sinalética de apoio abrange qualquer sinalização não verbal e sinais sonoros colhidos do meio ou sinais vocais.

As informações táteis são divididas em direta, na qual o movimento é sugerido mediante orientações demonstrativas do professor/aluno ou vice-versa; e indireta, que corresponde a informações sugeridas pelo contato com material, instrumento ou local.

Assim, as informações táteis diretas são informações que levam a uma manipulação do movimento através de uma ação do aluno sobre o movimento de um instrutor ou do instrutor sobre o aluno e as táteis indiretas podem ser aquelas captadas do meio, para a ação de orientação do sujeito.

Munster (2004) ressalta a importância de não se descartar a realização do movimento durante a explicação do mesmo, pois a informação auditiva verbal durante a

realização do exercício por parte do professor torna-se também uma informação auditiva sinalética, a medida que o aluno percebe o deslocamento da voz do professor pelo espaço e a pessoa com baixa visão pode ver.

5.3 Adaptação de materiais

Munster (2004) alerta para a importância de se conhecer a etiologia da deficiência visual na escolha mais adequada dos materiais e equipamentos assim como de outras variáveis que interferem no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com as funções visuais dos alunos, a existência ou não de visão remanescente e de percepção luminosa pode-se determinar as características dos objetos mais adequados a serem utilizados no decorrer das aulas. Depauw e Gavron (1995), afirmam que o tamanho e a cor dos equipamentos é importante. Materiais com cores contrastantes, brilhantes, ampliados contribuem para estimular, no caso de pessoas com baixa visão, a utilização da visão remanescente. No caso das pessoas cegas que têm percepção luminosa, objetos, equipamentos brilhantes auxiliam na orientação.

De acordo com os diferentes níveis de deficiência visual e tempo decorrido desde a perda da capacidade visual, torna-se importante apresentar materiais diversificados (Munster, 2004), com o objetivo de enriquecer e ampliar o repertório de experiências e conhecimentos da pessoa.

5.4 Reconhecimento do ambiente

Em um programa de atividades físicas, principalmente para pessoas com deficiência visual, o reconhecimento do local onde se desenvolverá a atividade e dos locais que o cercam, tais como acessos de chegada e saída, vestiários e bebedouros, é imprescindível para auxiliar o aluno na construção do mapa mental do ambiente que ele passará a frequentar, o que contribuirá para autonomia do educando em se deslocar sem o auxílio de outra pessoa.

Segundo Munster (2004), é importante que o professor relate aos alunos o que há no ambiente para que eles possam estabelecer pontos de referência espacial através destas informações verbais, aliadas a outras informações auditivas táteis e cinestésicas, como, por

exemplo, as diferenças no tipo de solo, possíveis irregularidades do terreno, sentido do vento, barulhos característicos, como de movimentação da rua e direção da claridade. Ao professor cabe, portanto, o papel de chamar a atenção para referências importantes.

Ambientes com excesso de ruídos devem ser evitados, pois, podem interferir na comunicação com os alunos e prejudicar a performance dos mesmos. (Munster, 2004; Depauw e Gavron, 1995) O ambiente de aula deve ser bem organizado para otimizar o efeito e rendimento da aula, assim como a iluminação do mesmo deve atender as necessidades dos alunos de acordo com a etiologia da deficiência visual.

Aspectos relacionados às funções visuais também devem ser considerados na disposição dos recursos materiais e equipamentos pelo espaço, pois, podem consistir indicativos importantes para o posicionamento do aluno em relação aos mesmos e aos colegas. (Munster, 2004)

Deve-se atentar para segurança do educando, dando-lhe o maior número de informações a respeito de como e onde ele pode desenvolver suas ações. Informações estas que podem ser auditivas ou táteis como por exemplo, barbante coberto por fita adesiva, cordas delimitando o espaço ou indicando caminho.

5.5 Sugestão de estratégias

O professor pode utilizar recursos variados para enriquecer e tornar mais atrativo e significativo o processo de ensino-aprendizagem.

Algumas dessas estratégias podem ser, pensando no Kung Fu, a apresentação de pessoas com experiência na modalidade, recursos audiovisuais, como músicas, filmagem de demonstrações, reportagens relacionadas ao assunto, entrega da apostila básica para praticantes do estilo de Kung Fu em Braille ou em impresso ampliado, contar esporadicamente um conto com significado moral, social, entre outras.

Estimular os alunos sem deficiência ou com baixa visão a ajudar os colegas cegos, pode favorecer atitudes de respeito e amizade entre os alunos contribuindo para o processo de sociabilização. Montar grupos de treino dentro da aula possibilita que pessoas com diferentes possibilidades treinem juntas e se ajudem mutuamente.

Como uma forma de acompanhamento do desenvolvimento dos alunos e avaliação do processo de ensino, o professor pode usar da técnica de registro através de observações assistemáticas e ou sistemáticas, relatórios. É interessante registrar também informações novas que forem surgindo do contato com os alunos como descobertas, dúvidas, dicas.

Carvalho (2005), atesta que contar com o auxílio de monitores bem preparados favorece o processo de ensino. O mesmo autor comenta que o recurso de vender os monitores ou o professor para que possam vivenciar a falta de visão contribui com informações sobre a complexidade dos exercícios.

Vendar as pessoas sem deficiência é uma maneira de fazê-las sentir como é não ter o recurso da visão para se relacionar com o ambiente e as outras pessoas, e desta formar, compreender o comportamento e atitudes das pessoas com deficiência visual, o que pode contribuir para aceitação, paciência e respeito em relação aos colegas de aula. Esta estratégia pode influenciar mudança de atitude em relação às pessoas cegas e com baixa visão e propiciar uma nova maneira de interpretar e conviver com o mundo.

6. Conclusão

O Kung Fu é uma arte marcial tradicional chinesa que não se reduz a técnicas e táticas de combate. Esta milenar arte reflete um modo de vida pautado na compreensão da relação intrínseca e de interdependência existente entre as pessoas e a natureza. A busca pelo equilíbrio interno capaz de proporcionar o pleno desenvolvimento e aprimoramento moral, espiritual e físico é o principal objetivo do Kung Fu. Podemos alcançar esse objetivo através da prática consciente e dedicada do conteúdo marcial composto por movimentos que “comunicam”, em sua maioria, simulações de ataque e defesa, que caracterizam o Kung Fu e se coadunam com sua filosofia. (Lima, 2000).

As pessoas com deficiência visual ao longo da história têm sido tratadas segundo modelos de destruição, segregação, cura ou prevenção (Pedrinelli e Verenguer, 2005) que determinaram o preconceito e a discriminação que ainda hoje impõe desvantagens a essa população. Nas últimas décadas, com o paradigma da inclusão, o olhar sobre as pessoas com deficiência visual tem voltado-se para as potencialidades das mesmas. Um leque de opções e oportunidades abriu-se para as pessoas cegas ou com baixa visão. Mas, este leque ainda precisa ser ampliado para garantir que as pessoas que não enxergam o mundo como a maioria dos indivíduos possa gozar de seus direitos, ter suas necessidades e desejos atendidos e principalmente ensinar a todas as pessoas que existem diversas maneiras de se conhecer e interagir com o mundo e que nenhuma pode ser considerada a mais correta ou a melhor.

As pessoas com deficiência visual podem contribuir para o enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem, por despertarem no professor e nos outros alunos uma maneira diferente de enxergar e compreender os componentes que caracterizam esse processo de tomada de consciência e elaboração de novos conhecimentos, tanto corporais quanto conceituais e atitudinais.

Um dos objetivos desse trabalho é o de contribuir para o oferecimento de oportunidades de participação em propostas de ensino do Kung Fu que promovam o desenvolvimento dos aspectos perceptivo-motor, psicossocial e sociocultural de pessoas com deficiência visual, e desta forma possibilitar o conhecimento e a descoberta das potencialidades das pessoas cegas e com baixa visão, auxiliando na transformação do

paradigma da limitação, da deficiência em uma nova maneira de pensar e tratar a diversidade. Em um mundo repleto de diferenças não faz sentido o preconceito, a exclusão e nem a exaltação de apenas um modelo correto de ser humano.

Desta forma almejamos “desencadear um processo de mudança de mentalidade, cujos desdobramentos reflitam-se na revisão de valores e mudanças de atitudes em relação a pessoa com deficiência visual, em diferentes dimensões e contextos sociais” (Gorgatti, 2005, p.75).

Torna-se importante desmistificar a deficiência visual e conforme acredita Menescal (1994), desmistificar também a Educação Física para pessoas com deficiência visual como sendo função exclusiva de profissionais altamente especializados e/ou aqueles dotados de um “dom” especial. Acreditamos que todo professor de educação física pode estender sua prática pedagógica para pessoas cegas e com baixa visão, desde que tenha conhecimentos sobre questões relacionadas a deficiência visual, tais como a etiologia da deficiência, o tempo decorrido desde sua manifestação, a eficiência visual da pessoa e as implicações que essas questões trazem para o desenvolvimento do indivíduo e sua interação com a sociedade. Mas, infelizmente, essas informações fazem parte do currículo de apenas um número pequeno de Instituições de ensino superior, no nível da graduação.

De posse desse conteúdo o professor de educação física que trabalha com artes marciais, e em especial o Kung Fu, não precisa ter medo ou achar impossível ter alunos com deficiência visual participando de suas aulas conjuntamente com pessoas que não possuem tais características.

Os conteúdos técnicos assim como as capacidades físicas e habilidades que requerem o Kung Fu podem ser ensinadas e aprendidas por pessoas cegas e com baixa visão, se as estratégias de ensino forem adequadas às características, necessidades e expectativas dos indivíduos envolvidos. Não são os conhecimentos que essa modalidade engloba que devem ser adaptados, nós professores é que devemos repensar a maneira como interpretamos o mundo e interagimos com o ambiente e com as pessoas e conseqüentemente a maneira como os ensinamos.

7. Bibliografia

ALMEIDA, J. J. G. de. **Estratégias para a aprendizagem esportiva: uma abordagem pedagógica da atividade motora para cegos e deficientes visuais**. 1995. 176f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. **Caderno de texto do curso de capacitação de professores multiplicadores em educação física adaptada**. Secretária de Educação Especial – Brasília: MEC; SEESP, 2002.

CARVALHO, A.J.S. de. **Estratégias de ensino-aprendizagem do Canionnig para pessoas com deficiência visual**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

CREMASCO, V. **Kung Fu Wu Shu Shaolin do Norte: Apostila básica para praticantes do estilo**. Valinhos: Academia Shaolin de Kung Fu, s/d. 20 p.

DEPAUW, K. P. e GAVRON, S. J. **Disability and Sport**. United States: Human Kinetics, 1995. 298p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GORGATTI, M. G. e GORGATTI, T. O Esporte para Pessoas com Necessidades Especiais. In: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. **Atividade física adaptada**. Barueri, SP: Manole, 2005.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LIMA, L. M. S. **O Tao da educação: a filosofia oriental na escola ocidental**. São Paulo: Agora, 2000. 220 p.

MENESCAL, A. A criança portadora de deficiência visual usando o seu corpo e descobrindo o mundo. In: **Ministério do Esporte e Turismo/ Secretária Nacional de**

Esporte. Lazer, atividade física e esporte para portadores de deficiência. Brasília, SESI-DN, 2001.

_____. A criança portadora de deficiência visual, seu corpo, seu movimento e seu mundo. P. 87-98. In: PEDRINELLI, V. J. et al. **Educação Física e Desporto para pessoas portadoras de deficiência.** Brasília: MEC – SEDES, SESI – DN, 1994. 125p.

MUNSTER, M. de A. van. **Esportes na natureza e deficiência visual: uma abordagem pedagógica.** 2004. 309f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade estadual de Campinas, 2004.

NATALI, M. **Vajramushti – A Arte Marcial dos monges Budistas.** Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1987.

OLIVEIRA FILHO, C. W. de e ALMEIDA, J. J. G. de. **Pedagogia do Esporte: um enfoque para Pessoas com Deficiência Visual.** p. 91-110. In: PAES, R. R. e BALBINO, H. F. **Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 161p.

OLIVEIRA FILHO, C. W. de. **Atividade Físico-esportiva para Pessoas Cegas e com Baixa Visão.** p. 23-32. In: DUARTE, E. e LIMA, S. M. T. **Atividade Física para Pessoas com Necessidades Especiais: Experiências e Intervenções Pedagógicas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 2003. 103p.

ORTEGA, E. M. **Artes Marciais: Kung Fu – rotinas e Combate “O papel da preparação física”.** 1997. 49f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

PEDRINELLI, V. J. e VERENGUER, R. de C. G. **Educação Física Adaptada: Introdução ao Universo das Possibilidades.** In: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. **Atividade física adaptada.** Barueri, SP: Manole, 2005.

PUCINELI, F. A. **Sobre Luta, Arte Marcial e Esporte de Combate: Diálogos**. 2004. 50f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

RODRIGUES, A. D. **A Aprendizagem do Judô por Pessoas Deficientes Visuais**. 1999. 66p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3º ed. São Paulo: Artmed, 2002.

WAI, C. K; VEIGA, A. **Kung Fu Shaolin do Norte – técnicas básicas**. São Paulo: Biopress, 1995.

WINNICK, J. P. **Educação física e esportes adaptados**. 3. Ed. Fernando Augusto Lopes (Trad.). Barueri: Manole, 2004.

ZHAOHUA, E. **Wushu Kung fu**. São Paulo: Ground, 1988. 116p.

Sites:

Academia Sino-Brasileira de Kung Fu. Disponível em: <<http://www.sinobrasileira.org>>.

Acesso em: 15 de outubro 2005

Associação Brasileira de Desporto para Cegos. Disponível em: <http://www.abdenet.com.br>.

Acesso em 10 de setembro 2005

Confederação Brasileira de Kung Fu. Disponível em: <<http://www.cbkw.org.br>>. Acesso em: 4 maio 2005

Federação Paulista de Kung Fu. Disponível em: <<http://www.fpkf.com.br>>. Acesso em: 4 maio 2005

International Blind Sport Federation. Disponível em: <<http://www.ibsa.es>>. Acesso em 10 de setembro 2005